



ANAIS

**X Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo
Contemporâneo**

IX Colóquio Nacional Cultura e Poder

**VIII Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos
sobre Religiões e Religiosidades**

V Simpósio Regional da ABHR/Sul

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2023

GT-3 – Migrações e Religiões

A OGUATÁ E A ‘BUSCA DA TERRA SEM MALES’

Antonio H. Aguilera Urquiza (UFMS/PQ) ¹

Resumo: Desde a virada do século XIX para o XX vemos surgir descrições acerca das práticas de mobilidade dos Guarani, caracterizadas por Curt Nimuendajú a partir dos rituais e elementos do profetismo, como “busca da terra sem males”. A partir desses dados, outros estudos antropológicos tornaram-se clássicos, reforçando essa categoria para explicar/compreender que a mobilidade guarani se baseava eminentemente em elementos religiosos. Assim, a partir do diálogo com Nimuendajú, mas sobretudo com Alfred Métraux e Hélène Clastres, queremos com o presente trabalho, fruto de pesquisa bibliográfica, complementada por várias incursões a campo e experiências de orientação de pós-graduação, trazer contribuições mais atuais da própria Antropologia, as quais mostram que essas migrações/mobilidade guarani são fruto de múltiplos fatores. Estudos recentes, sobretudo em regiões da fronteira Brasil/Paraguai, demonstram que a mobilidade responde a uma prática cultural arraigada nas relações entre as parentelas, de reciprocidade, desde as trocas matrimoniais, alimentos, rituais, dentre outros.

Palavras-Chaves: Povo Guarani. Migrações. Mobilidade. Terra sem Males.

INTRODUÇÃO

Os Guarani, fazem parte da família linguística tupi-guarani e habitam há séculos, as chamadas “terras baixas da América do Sul”. Desde o período Colonial, temos notícias de cronistas e aventureiros acerca desses povos na porção meridional das américas, com ênfase em sua capacidade para produção de alimentos, índole pacífica e amantes da arte, da música e dos rituais. Segundo Schaden (1974) à sua unidade linguística equivale também, certa unidade das práticas culturais. O mesmo autor ainda acrescenta:

Todavia, a existência de diferentes denominações para os subgrupos regionais e, talvez, a *grande mobilidade espacial*, produzindo notável dispersão, são os principais fatores responsáveis pela opinião, bastante comum, de que se trata de outras tantas tribos distintas” (SHADEN, 1974, p. 01). (*grifo nosso*)

Se por um lado, a partir de quase 500 anos de colonização e imposição cultural, houve uma tendência de homogeneização e reconfiguração das unidades socioculturais dos grupos Guarani nesta porção sul da América do Sul, por outro lado, constatamos a permanência de muitos elementos culturais que seguem marcando as características identitárias desses

¹ Doutorado em Antropologia (USAL – Universidade de Salamanca/Espanha). Professor Associado e coordenador da Pós-graduação em Antropologia Social da UFMS. hilarioaguilera@gmail.com

grupos ameríndios.

A leitura enviesada do período Colonial pode levar à falsa compreensão dos povos indígenas como o “polo passivo”, diante da avalanche que significou a dominação cultural, expropriação dos territórios e dizimação de muitos povos e línguas indígenas. Na verdade, sem negar o movimento de dominação da colonização, houve em contrapartida, muitos elementos de resistência, sendo um dos mais conhecidos o conflito no sul do então Império do Brasil, da chamada “Guerras Guaraníticas”. Episódio no qual os Guarani se colocam no meio da disputa territorial e política entre os reinos de Portugal e Espanha e, aliados aos Jesuítas, se recusam a deixar seu território tradicional. Mesmo resistindo, as reduções são destruídas e os Guarani se dispersam por toda essa região do sudoeste do atual estado do Rio Grande do Sul e nordeste da Argentina.

Na contemporaneidade, podemos dizer que os Guarani estão presentes em pelo menos cinco países da América do Sul: Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia, demonstrando cabalmente, talvez o grande ponto comum de unidade cultural desta região, também conhecida no âmbito da geopolítica como “Mercosul”. Em termos nacionais, segundo Schaden (1974, p. 02), “os Guarani do Brasil Meridional podem ser divididos em três grandes grupos: os Nhandeva (aos quais pertencem os Apapokúva, que se tornaram famosos pelo trabalho de Curt Nimuendajú), os Mbyá e os Kaiowá”, com pequenas variações linguísticas e culturais, assim como em termos de localização territorial: enquanto os Kaiowá estão dos dois lados da fronteira Brasil-Paraguai (Pai-Taviterã), os Mbyá localizam-se no litoral brasileiro, desde o Espírito Santo até o Rio Grande do Sul. Os Nhandeva são aqueles que serviram de base para a categoria da “Busca da Terra Sem Males”, tendo em vista a intensidade da prática da migração, ou mobilidade territorial.

Após essas apresentações iniciais, acerca dos Guarani, podemos dizer que o presente texto se propõe trazer contribuições mais recentes da própria Etnologia, as quais mostram que as migrações/mobilidade guarani são fruto de múltiplos fatores e não apenas relacionados ao profetismo ou práticas religiosas.

Os próximos itens irão abordar a contribuição da Etnologia clássica, desde Curt Nimuendajú, passando pelos estudos de Alfred Métraux e, finalmente o livro de Hélène Clastres, publicado no ano de 1975, para posteriormente tratar das contribuições de Bartomeu Meliá e, mais recentemente, a tese de Cristina Pompa (2003/USP). Finalmente, serão apresentados dados de pesquisas de campo contemporâneas, na área predominante dos Kaiowá/Pai-Taviterã, na fronteira Brasil-Paraguai. Em termos metodológicas, o texto é fruto inicialmente de pesquisa

bibliográfica, mas, na segunda parte, assenta-se nos dados resultados pesquisa etnológica - trabalho de campo nas comunidades Guarani da fronteira entre os dois países.

“Busca da Terra Sem Males” e Curt Nimuendajú

Curt Nimuendajú, em 1914, ainda muito jovem, publica suas experiências iniciais entre os Apopocuva/Guarani², do interior paulista/paranaense, estudo no qual relata as “migrações” guarani em direção ao leste, tendo por base o “profetismo”, ou seja, um movimento messiânico/religioso em direção a “uma terra onde não se morre”. Barbosa (2013) comenta que o fato central narrado por Nimuendajú é muito parecido com um texto anterior de Elliot, o que sugere que Curt o conhecia, mas que lhe dá uma interpretação muito diferente.

Basicamente a narrativa apresentada por Nimuendajú trata de uma “migração” dos Apopocuva-Guarani (próximo à região do Rio Iguatemi, sul do então Mato Grosso) e, como coincide com a de Elliot³, comentaristas posteriores julgam tratar-se de fato histórico e que acabou tornando-se evento fundador de parte dos grupos de Guarani desta região, entre o sul do então Mato Grosso, Oeste do Paraná e São Paulo, sempre em direção ao leste, ou seja, o Atlântico.

O importante neste momento, é compreendermos a interpretação dada por Nimuendajú, a este acontecimento da “migração”/mobilidade dos Apopocuva-Guarani em direção oeste-leste:

Os fatos históricos só fazem confirmar o que os próprios índios sempre me asseguraram: a marcha para leste dos Guarani não se deveu à pressão de tribos inimigas; tampouco à esperança de encontrar melhores condições de vida do outro lado do Paraná; ou ainda ao desejo de se unir mais intimamente à civilização – mas exclusivamente ao medo da destruição do mundo e à esperança de ingressar na Terra Sem Mal (NIMUENDAJÚ, 1987 [1914], p.100-102).

² Trata-se da publicação: NIMUENDAJÚ, Curt. As lendas da criação e destruição do mundo como fundamento da religião dos Apapocúva-Guarani. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1987 [1914].

³ Norte-americano que chegou ao Brasil entre 1825 e 1826, por volta dos 16 anos de idade, quando desembarcou no Rio de Janeiro. Logo em seguida, ingressou na Armada Imperial como tenente para uma ação contra a independência da região Cisplatina. Após este episódio, Elliott teria voltado ao Rio de Janeiro, onde teria conhecido João da Silva Machado, o futuro barão de Antonina, com quem trabalhou em expedições exploratórias dos sertões meridionais do império juntamente com o sertanista Joaquim Francisco Lopes, cujo objetivo principal era estabelecer uma via de comunicação entre as províncias de São Paulo, Paraná e Mato Grosso através dos vales dos rios Tibagi, Paranapanema e Paraná (BARBOSA, 2013, p. 123).

Trata-se, conforme descrito acima por, de uma “migração”/mobilidade dos Apococuva-Guarani, por motivação estritamente religiosa e profética, tendo como utopia o ingresso na “Terra Sem Mal”, qual seja, um lugar – em palavras atuais – do “bem viver”, ou na linguagem guarani, o Teko Porã.

Ao contrário de Nimuendajú, “Elliott prefere dar mais ênfase, como veremos logo abaixo, às contingências locais, históricas e políticas que, de certa forma, estruturavam a geopolítica indígena na região e explicariam tanta movimentação” (BARBOSA, 2013, p. 127). Segundo o mesmo autor, apesar de termos duas interpretações para o mesmo fato, foi aquela de Nimuendajú que passou a vigorar, qual seja, a tese do “messianismo Tupi-Guarani, baseado na ideia da busca profética de “Terra sem Mal” (Idem).

Seguindo os estudos de Barbosa (2013, p. 121) podemos afirmar que após os cruzamentos de dados, etnográficos e históricos, eles:

indicam que as supostas “migrações” expostas pelo jovem etnólogo alemão, descritas, sobretudo, a partir de particularismos etnográficos, se sobrepuseram a um cenário histórico denso e violento marcado por uma política de colonização que adentrou as fronteiras indígenas das regiões meridionais do Brasil.

Podemos, dessa forma, inferir que a interpretação de Nimuendajú, inicialmente de teor e orientação profética e messiânica para os deslocamentos dos Guarani que acabou sendo hegemônica na etnologia sul-americana, poderá ser melhor entendida se contextualizada pelos eventos históricos do período, em especial a violência das políticas de colonização na mesma região que em seguida veria conflagrar o maior conflito bélico da América do Sul, a conhecida Guerra da Tríplice Aliança, envolvendo Brasil, Uruguai e Argentina contra a República do Paraguai.

Antes de finalizarmos este item, apenas uma consideração: assim como Barbosa (2013, p. 126), pensamos ser pertinente, neste momento, esclarecer para o âmbito deste texto, o que foi realizado no âmbito da pesquisa em andamento entre os Guarani em contexto de fronteira (Brasil-Paraguai), sobre o conceito de “migração”. Apesar de ser o termo mais utilizado na etnologia e escritos acerca desta prática entre os Guarani, “tal noção não nos parece suficiente para tratar de problema tão complexo”. Neste mesmo sentido, podemos afirmar que conforme Garlet (1997), para muitas práticas dos deslocamentos guarani, “migração” não é a categoria mais adequada, como, por exemplo, para os “casos das visitas, da exploração sazonal do ambiente, do abandono do local em função de mortes, entre outros” (GARLET, 1997, p.16),

como as trocas matrimoniais e de produção de alimentos e artesanal.

Assim, seguindo esse mesmo autor, pensamos que a “variabilidade de deslocamentos postula o uso de um conceito mais amplo que o de migração para que a análise não fique reduzida. Nesse caso, considera-se que o uso do conceito de mobilidade contempla e engloba de forma mais satisfatória todas as modalidades de deslocamento, inclusive a migração” (ibid.) (BARBOSA, 2013, p. 126).

Por isso, assumimos, desde o título, o conceito de “Oguatá”, que significa essa mobilidade guarani, um conceito êmico, que demonstra como eles entendem os deslocamentos que realizam culturalmente. O conceito aqui é entendido, a partir dos próprios Guarani, como sendo caminhada, mobilidade, deslocamentos.

6

“Busca da Terra Sem Males” e a etnologia clássica

Seguindo a trilha interpretativa e da categoria do profetismo guarani, surge o etnólogo Alfred Métraux (1902-1963), de origem Suíça, mas formação Francesa foi um grande antropólogo que estudou povos tradicionais da América Latina e influenciou inclusive Lévi-Strauss.

A partir da lente de Cristina Pompa (2003), podemos dizer que Métraux (1967) “apresenta os Tupinambá ou Tupi do período colonial, os Guarani do Paraguai e do sul do Brasil, como possuidores de um único sistema, no qual a narrativa/mito da terra sem mal e o messianismo são considerados como elementos irreduzíveis” (POMPA, 2003, p. 142). Ela faz essa crítica ao autor justamente devido à utilização que faz dos dados de Curt Nimuendajú, ([1914], 1987), no início do século XX. Este grande antropólogo vem consolidar a narrativa de que a mobilidade dos Guarani encontraria paralelo com os Tupi e outros povos sul-americanos, e que o fundamento seria a cosmologia profética da busca da Terra Sem Mal. Talvez aqui esteja localizado o centro da questão, o fato de extrapolar para todos os grupos a característica de um deles, como se todos fossem possuidores de um único sistema, ou uma única prática de mobilidade cultural profética.

Segundo Ivarra Ortiz & Machado (2018, p. 249),

A busca da Terra sem mal adquire as feições de um misticismo religioso, transformando os deslocamentos em movimentos de eclosão social. O resultado entre o desejo de encontrar o “paraíso” e sua impossibilidade diante

da situação de contato geraria estados de crise capazes de criar sentimentos de “frustração”, “desilusão” e outros estados de “depressão psíquica geral” (SCHADEN, 1962, p. 147).

Na continuidade das reflexões de Alfred Métraux, temos o estudo de Hélène Clastres, com trabalho publicado em 1978, com especial ênfase, para este trabalho, de maneira particular o capítulo terceiro: “O discurso dos profetas e seus efeitos”.

O capítulo explora o discurso dos profetas na cultura tupi-guarani, buscando entender suas características religiosas e a importância de considerar a religião dentro do contexto mais amplo da sociedade, propondo duas abordagens: uma filosófica, que isola a religião como um sistema de pensamento, e outra sociológica, que a situa no contexto social e questiona suas implicações. O texto destaca a divergência em relação a esquemas comuns de estudos sobre movimentos messiânicos, argumentando que o estado de crise social não se aplica diretamente aos grupos tupi-guarani.

Hélène Clastres menciona as migrações messiânicas dos tupi-guarani em busca da Terra Sem Mal, destacando divergências entre pesquisadores sobre as causas desses movimentos. Ao contrário de Curt e de Métraux, ela afirma que são discutidos o "misticismo exacerbado" como um fator interno e o desequilíbrio causado pelo contato com os europeus como um fator externo na eclosão desses movimentos. No entanto, sugere a necessidade de uma análise sociológica mais aprofundada sobre o "misticismo" na religião tupi-guarani. Também aborda a atividade dos homens-deuses, chamados caraís, e a procura da Terra Sem Mal como elementos centrais da religião e do profetismo tupi-guarani, destacando a originalidade dessa dimensão cultural, mas sempre com ponderações e equilíbrio entre o que constatava em campo e as narrativas dos clássicos que a antecederam.

Quando trata dos “tupi-guarani antes da conquista”, Hélène Clastres aborda as migrações destes na América do Sul pré-colombiana, destacando as mudanças territoriais decorrentes das disputas entre diferentes grupos indígenas. A autora destaca a complexidade da organização social e política dessas comunidades, com uma estrutura política claramente definida que foi impactada pela chegada dos europeus. Ao contrário de seus antecessores, ela amplia o foco das causas, quando diz que essas mudanças são atribuídas a fatores demográficos, econômicos e possivelmente religiosos. Também menciona o profetismo da Terra Sem Mal como uma resposta crítica às transformações políticas e sociais em andamento entre os tupi-guarani. Argumenta que esses movimentos messiânicos não eram estritamente políticos, mas sim religiosos, e que sua intenção não era conter a desorganização social, mas promovê-la. E

propõe uma análise mais aprofundada desses movimentos, distinguindo entre os aspectos proféticos e políticos, exemplificados pelos Tupi e Guarani, respectivamente.

Mais recentemente, Meliá (1990, p. 41), no artigo “A Terra sem mal dos Guarani - economia e profecia”, elabora uma crítica que penso proceder na primeira parte. Ele afirma que certas abordagens insistem na tese de que o povo Guarani é um ser em constante fuga, apocalíptico, desgraçado, eterno caminhante. Indispõe-se com a percepção de espaço geográfico da etnologia clássica [Nimuendaju (1987), Métraux (1927), Schaden (1974) e a ênfase somente na dimensão religiosa]. Para ele, o sentido religioso do espaço, que redundava na procura da Terra sem Mal, do Guarani atual, sedimentou-se nos séculos posteriores à conquista, considerando o contexto do domínio colonial (IVARRA ORTIZ & MACHADO 2018, p. 250).

No mesmo tom de Meliá (1990), Cristina Pompa (1998), afirma que o principal erro dos clássicos, a partir do etnólogo Curt Nimuendajú (1987 [1914]), seguido pelo antropólogo Alfred Métraux (1979 [1928]), no início do século XX e a própria Hélène Clastres, foi metodológico.

Segundo a autora, em seus trabalhos, tomaram o mito conhecido modernamente através dos Guarani Apapocuva como idêntico ao que havia sido relatado pelos cronistas coloniais dos séculos XVI e XVII, em relação aos Tupi-Guarani, sem a necessária consideração acerca das variáveis históricas a que o mito teria sido submetido ao longo de quase cinco séculos. Estes autores e os que se seguiram tematizando este mito passaram a interpretar as migrações indígenas testemunhadas pelos cronistas portugueses e espanhóis como um fenômeno exclusivamente religioso diretamente relacionado ao mito da Terra sem mal (FIGUEIREDO, 2018, s/p).

Podemos concluir, provisoriamente, que a partir do final do século XX, vários autores começam a contestar essa versão clássica da etnologia acerca da categoria do profetismo guarani e a busca da Terra Sem Males, citamos aqui, especialmente, Meliá (1990) e Pompa (2003).

“Terras Sem Males” novos olhares

A partir, inicialmente, da revisão bibliográfica, tomando como ponto de referência os clássicos da Antropologia, a partir de Curt Nimuendajú, até chegarmos às produções do final do século XX e início do século XXI, chegamos à conclusão de que não há mais unanimidade na tese do messianismo profético Apopocuva-Guarani defendida pelo etnógrafo alemão.

Passamos, a partir de agora, a apresentar alguns elementos provisórios de análise, a partir de dados de trabalho de campo de pesquisas realizadas nos últimos anos, na região de fronteira entre o Brasil e o Paraguai, particularmente entre os Kaiowá (Brasil) e os Paì-Tavyterã (Paraguai). São estudos que fazem parte de uma sequência de projetos de pesquisa envolvendo mestrands e PIBIC (iniciação científica), com pequenas variações, mas sempre focado no processo da mobilidade.

O conceito da OGUATÁ tem sido essa categoria êmica que tem norteado essas pesquisas, colocando ainda o contexto da fronteira e, nos últimos anos, a centralidade da figura das mulheres indígenas, tanto na manutenção das práticas culturais, como na luta pela manutenção do território tradicional.

Dos vários trabalhos e pesquisas, podemos destacar o de Colman, tese defendida na UNICAMP, no ano de 2015, tratando basicamente da mobilidade espacial dos Guarani, mas, contextualizando com a moldura da colonialidade e consequente perda/expulsão territorial e a temática das belas caminhadas na retomada desses mesmos territórios. Segundo a autora,

Os Guarani concebem um território como próprio e amplo, abrangendo regiões em vários países, e é neste espaço que ocorrem essas deslocções. As comunidades e famílias estabelecem redes sociais pautadas pelas relações de parentesco e divisão; a mobilidade espacial guarani está, portanto, associada ao estudo de sua territorialidade e cosmologia (COLMAN, 2015, p.138).

Outra pesquisa significativa dentro do mesmo contexto foi a dissertação de mestrado defendida por Cavararo Rodrigues (2019), a qual busca um “estudo antropológico do Oguatá na fronteira Brasil/Paraguai”, chegando a conclusões importantes e que corroboram com o que vimos afirmando através dos últimos estudos acerca da mobilidade dos Guarani.

Acrescentamos aqui, novos elementos, como a condição de estarem em região de fronteira, de tratar-se do mesmo povo, mas de ambos os lados de Estados Nacionais com fronteiras criadas aleatoriamente sobre seus territórios. O povo Kaiowá tem por tradição cultural a prática da mobilidade espacial, baseada na prática milenar e muito conhecida dentre os povos indígenas como Oguata Guasu (grande caminhada) (Colman, 2015). É essa mobilidade, como prática cultural ancestral, que enfatizamos como complemento às interpretações clássicas do profetismo.

Em artigo publicado por Cavararo Rodrigues, Colman e Aguilera Urquiza (2019, p. 40), chegamos à conclusão de que “a relação de parentesco é o grande fator da mobilidade praticada pelo kaiowá, pois além de fortalecer seus laços, verifica-se compartilhamento do

espaço territorial, da comensalidade, da troca e da divisão de trabalho”. Como referência para essa afirmação, trazemos a fala do senhor Salvador, líder religioso e de parentela na Aldeia Ñanderu Marangatu (Município de Antonio João/MS), onde desenvolvemos as pesquisas. Ele descreve como era seu território antes de seus parentes praticarem a mobilidade forçada para o Paraguai no final da década de 1940 até meados de 1970, no século XX.

“Lugar onde todos viviam bem, em harmonia, faziam suas roças e mantinham a prática da caça e da pesca. Encontrava-se muito mel na região, e a alimentação era só nativa”, ou seja, compreendemos que não existia alimentos industrializados e que o tekoha, para os Kaiowá, é o lugar físico que contém matas (ka’aguy) e todo um ecossistema, como animais para caça, água fresca, matéria prima para casas e artefatos, frutos para coleta, plantas medicinais etc. Lugar este que, na maioria das vezes, é lembrado por nossos interlocutores, pois é o período em que seus antepassados viveram, seja na TI Ñande Ru Marangatu, Município de Antônio João/MS, ou do outro lado da fronteira, na Colônia Pysyry, no Paraguai (CAVARARO RODRIGUES, COLMAN, AGUILERA URQUIZA, 2019, p. 42).

Podemos nos aproximar das considerações finais, a partir desta narrativa do senhor Salvador, para ressaltar o quanto a relação com o território ancestral vem carregado de significados e simbolismos espirituais, ambientais e cosmológicos, até a atualidade na região pesquisada. Neste contexto, retomar o território é retomar a Oguatá Porã, ou seja, “a boa caminhada”, no dizer dos Kaiowá.

A mobilidade, dessa forma, a qual se diferencia completamente da migração e, muito mais ainda da prática do nomadismo, torna-se uma característica centenária dos Guarani, em especial no caso desse estudo, dos Kaiowá, na região de fronteira entre o Brasil e o Paraguai, os quais seguem com sua mobilidade, muito além do aspecto religioso, como defenderam os clássicos, mas, complementado pelas visitas entre as parentelas, por questões políticas e dissensões temporárias, trocas matrimoniais e de mantimentos, dentre tantas outras motivações para seguirem caminhando por seus territórios ancestrais.

REFERÊNCIAS

CAVARARO RODRIGUES, Andrea. **KAIOWÁ-PAÍ TAVYTERÃ: ONDE ESTAMOS E AONDE VAMOS? Um estudo antropológico do Oguata na fronteira Brasil/Paraguai;** Mestrado/PPGAS-UFMS: 2019;

CAVARARO RODRIGUES, A. L.; COLMAN, R. S, & AGUILERA URQUIZA, A. H. **Caminhar, lutar e bem viver: O Significado do Oguata Guasu para o Povo Guarani-**

Kaiowá. Périplos: Revista De Estudos Sobre Migrações, 3(1). 2019;
https://periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/article/view/27281

CLASTRES, Helene. **Terra sem mal**. Editora brasiliense. São Paulo. 1978.

COLMAN, Rosa S. **GUARANI RETÁ E MOBILIDADE ESPACIAL GUARANI: belas caminhadas e processos de expulsão no território guarani**; tese de Doutorado: UNICAMP, 2015.

FIGUEIREDO, Néstor. **O mito indígena da Terra sem Mal a partir das Ciências Sociais e da Ciência da Religião**. Ver. Interações – Cultura e Comunidade. PUC/MG. 2018.

IVARRA ORTIZ, Rosalvo; MACHADO, Almiros M. **Na estrada da terra sem mal guarani: história, memória e cosmologia**; Rev. FACES DA HISTÓRIA, Assis-SP, v.5, nº2, p. 244-261, jul.-dez., 2018.

MELIÁ, B. GRUMBERG, Georg y Friedl. **LOS PAÍ TAVYTERÁ - Etnografía guaraní del Paraguay contemporáneo; Introdução ao estudo dos Guarani em região de fronteira Brasil-Paraguai**. Ed. Asunción. 1976

NIMUENDAJÚ, Curt. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamento da religião dos Apapocúva-Guarani**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1987 [1914].

POMPA, Cristina. **Religião** como tradução - missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial. Bauru: EDUSC, 2003.

SCHADEN, Egon; **Aspectos fundamentais da cultura guarani**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo: 1974;